

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Arthur Guedes Mesquita

**UM PASSARINHO ME CONTOU:
O *Twitter* como espaço de discursos a partir do suposto estupro do BBB 12**

Belo Horizonte
2012

Arthur Guedes Mesquita

**UM PASSARINHO ME CONTOU:
O *Twitter* como espaço de discursos a partir do suposto estupro do BBB 12**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Comunicação Social, área de Processos Comunicativos e Dispositivos Midiáticos.

Orientadora: Joana Ziller Araújo Josephson

Belo Horizonte
2012

RESUMO

Atualmente, a participação da audiência nas lógicas dos *reality shows* tem se tornado uma constante. A interferência dos espectadores vem sendo configurada como parte das dinâmicas dos programas, em que o desenrolar das ações depende do engajamento dos sujeitos afetados pela produção audiovisual. Embora este espaço de interação seja reservado para a participação popular, os públicos procuram outros meios para se expressar acerca do que é proposto pelo programa. Neste cenário, os sites de redes sociais (SRS), por exemplo, o *Twitter*, emergem como um ambiente de possibilidades capaz de ampliar as discussões antes restritas ao contexto social do indivíduo. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo problematizar a questão do suposto estupro da 12ª edição do *Big Brother Brasil* como resultado da constituição de um campo discursivo a partir da movimentação dos públicos no interior do microblog.

Palavras-chave: *Twitter*, *Big Brother Brasil*, sites de redes sociais (SRS), participação, públicos.

1. INTRODUÇÃO

O *reality show* emerge do contexto midiático como expressão contemporânea da hibridização dos gêneros televisivos. Segundo Cosette Castro (2006, p. 28), este programa traz embutidos formatos já conhecidos da audiência, ao agregar características das telenovelas, dos programas de auditório, dos documentários, dos programas de concurso e do jornalismo.

Embora o *reality show* mescele estratégias discursivas de outros formatos, ele possui uma lógica individual, isto é, "não tem como referência o mundo exterior, mas um mundo paralelo cujos acontecimentos são artificialmente construídos no interior do próprio meio [...] que têm por base acontecimentos provocados e controlados pela própria televisão, que então estabelece suas regras de operação" (DUARTE, 2004, p.83). É o que Elizabeth Duarte (2004, p. 83) chama de pararealidade, em que a representação do real é inserida em um contexto ficcional, no qual não há compromisso direto com a referencialidade do mundo.

Neste contexto, o contrato entre mídia e sociedade é delineado pelo choque entre a realidade do programa e a dos espectadores. Embora o *reality show* tente incluir o indivíduo externo ao programa em sua dinâmica, a interatividade do meio televisivo nem sempre acontece de forma simultânea. Por isso, este sujeito que, segundo o modelo praxiológico, é, também, enunciador em uma situação de comunicação, procura outros meios para firmar um diálogo com o programa televisivo. Ele procura, na sua qualidade de sujeito, ultrapassar as funções de emitir-receber para se realizar na natureza de sujeitos relacionais produtores de sentido (FRANÇA, 2003, p. 46).

É o caso do *Big Brother Brasil*, no qual a participação popular é estimulada por meio de votações que mantêm ou eliminam os participantes. A interferência dos espectadores no programa explicita a criação de um diálogo assimétrico no espaço social entre a produção do programa e a sociedade. Este cenário de mútua afetação permite - e necessita - a constante troca de papéis entre os interlocutores inseridos no contrato midiático para que a comunicação seja efetivada. Por esse motivo, os espectadores do programa procuram outros canais de acesso para interferir no jogo direta ou indiretamente. Para Jenkins, esta convergência, que extrapola a noção principalmente tecnológica do termo, "representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos" (JENKINS, 2009, p. 29).

Exemplo disso foi a questão do suposto estupro na 12ª edição do *BBB* envolvendo dois dos participantes após a Festa Fusion do dia 14/01/2012. A estudante Monique Amin, 23 anos, parecia estar embriagada e foi se deitar. O modelo Daniel Echaniz, 31 anos, após algum

tempo, se juntou a ela no quarto. Apesar de ambos os participantes terem concordado anteriormente em dividir a cama, esta atitude foi capaz de despertar a incerteza nos espectadores. Enquanto era possível perceber uma movimentação intensa de Daniel embaixo do edredom, Monique quase não se mexia.

Na madrugada do dia 15/01/2012, um agrupamento de pessoas iniciou um movimento que sugeria a expulsão do participante, acusando o modelo de ter feito sexo com a estudante enquanto ela dormia. A mobilização ganhou espaço no *Twitter*, onde os espectadores utilizaram a *hashtag*¹ #Danielexpulso, se referindo à opinião dos internautas de que havia acontecido um estupro. A configuração deste lugar de trocas de opiniões trouxe consigo não somente um diálogo com a produção do programa, mas com outros sujeitos que concordavam ou discordavam das ideias apresentadas. Estas movimentações carregam uma noção de espaço que se define, antes, como um campo de ação entre sujeitos ou como uma esfera de interação que vai se constituindo como tal na medida em que se dá a inclusão de enunciadores e destinatários (FECHINE, 2009, p. 148).

Por outro lado, rebatendo as acusações, José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, produtor do programa, defendeu a ideia de que o ato foi consensual e de que não se tratava de um crime. Juntamente com o posicionamento da Rede Globo, outros espectadores, contrários à ideia de que houve estupro, iniciaram um movimento defendendo Daniel das acusações. Após o surgimento deste acontecimento, espectadores que não acreditavam que o modelo havia estuprado Monique ou que justificavam as atitudes do participante iniciaram uma mobilização a favor dele por meio da *hashtag* #voltaDaniel.

A partir destes desdobramentos, é possível perceber a formação de um espaço de concorrência de discursos. Por isso, o presente artigo tem como objetivo identificar argumentações favoráveis e contrárias acerca do suposto estupro feitas pelos espectadores no espaço do *Twitter* como forma de compreender as possibilidades que os sites de rede social (SRS) oferecem para ampliação das conversações cotidianas da audiência.

2. A CONCORRÊNCIA DE DISCURSOS

No programa do dia 15/01/2012, a emissora ressaltou a ideia do evento como a formação de um novo casal, explicitada pelo comentário do apresentador Pedro Bial ao final da reprodução de algumas imagens do acontecimento da noite anterior. Ele finalizou a vinheta dizendo: “Ah, o amor é lindo”. Ou seja, o discurso da produção não configurava o fato como

¹ O símbolo de #, chamado de *hashtag*, é utilizado para marcar palavras-chave ou tópicos em um *tweet*. Foi criado organicamente por usuários do *Twitter* com o intuito de categorizar mensagens.

estupro, mas como algo comum na lógica do *reality show*. Já alguns espectadores discordavam dessa visão. Para eles, Daniel havia estuprado Monique e, por isso, procuraram tornar este ponto de vista algo visível no espaço público. A repercussão das manifestações dos internautas não foi incluída no discurso da produção, visto que este tópico não era abordado nas edições diárias do programa. A posição da emissora constituiu uma proibição na formação discursiva delimitando como o assunto deveria ser discutido. Ou, nesse caso, não discutido.

Para Dominique Maingueneau (2008, p. 38), a presença de discursos antagônicos configura uma relação interdiscursiva entre os enunciados proferidos pela produção do *reality show* e pelos espectadores.

As articulações fundamentais de uma formação discursiva encontram-se presas nesse dialogismo, a totalidade dos enunciados que se desenvolvem através delas está, *ipso facto*, inscrita nessa relação, e todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro do espaço discursivo. Quer dizer que esses enunciados têm um “direito” e um “avesso” indissociáveis (MAINGUENEAU, 2008, p. 38).

Esta heterogeneidade discursiva mostrada, já que está explícita na linguagem, deu origem a vários outros discursos, desde alguns que buscavam responder o que configurava um estupro até outros que colocavam em evidência a qualidade do *Big Brother Brasil* como disseminador de valores. Mas, principalmente, o novo posicionamento do programa.² No dia 16/01/2012, Daniel foi expulso do programa sem maiores esclarecimentos. Ambos os envolvidos foram ouvidos pela polícia e Monique afirmou que houve consentimento. Ela disse que estava consciente durante a troca de carícias e explicitou que o ato sexual não se consumou. Se Daniel era inocente, qual o motivo da eliminação do participante? É aí que entra a construção do novo discurso.

Em resposta à mobilização social envolvendo o acontecimento, a produção do programa teve de alterar o seu primeiro posicionamento. Esta mudança foi evidenciada no discurso do apresentador Pedro Bial na noite da expulsão do modelo.

Em um primeiro momento, pareceram cenas de carícias semelhantes a de outras edições do programa. Depois de uma avaliação, a emissora decidiu afastar Daniel. Até para que ele pudesse dar esclarecimentos formais à polícia. A TV Globo avalia que o comportamento de Daniel foi inadequado, o que impede o retorno dele à casa (F5, 2012a).

² Embora o acontecimento tenha instaurado uma relação conflituosa entre emissora e público, o intuito do artigo é evidenciar os posicionamentos institucionais da Rede Globo, não compará-los.

Embora as decisões em relação ao programa tenham sido pontuais e diretas, a postura do produtor do programa não se configurava da mesma forma. Em entrevista ao portal R7, Boninho se posiciona acerca do assunto.

Estupro não houve. O problema é que a lei brasileira é muito ampla. O que se discute é o abuso [sexual], porque ela estava fora de condições. Ela estava sóbria, mas dormiu profundamente. Ele saiu do programa porque passou dos limites do relacionamento com as pessoas. O que ele fez na noite, até na visão dela, foi exagerado. A gente avaliou que a atitude dele foi ruim. No meio de uma festa, uma cantada mal dada pode causar uma eliminação. (F5, 2012b).

Segundo Boninho, o que delimita um comportamento excessivo não ficou óbvio. “Não tem uma regra muito clara. O comportamento dele foi excessivo. Para evitar algo pior, resolvemos eliminá-lo. Foi a primeira expulsão do *BBB*. No *Big Brother* da Inglaterra, um cara saiu porque não usou microfone” (F5, 2012b).

José Bonifácio Brasil de Oliveira foi muito categórico ao explicar suas decisões, mas, ao mesmo tempo, deixou aparente a fragilidade de suas motivações. O produtor enfatizou a expulsão no *Big Brother* inglês como tentativa de justificar a expulsão de Daniel, isto é, por questões muito menos sérias, os participantes eram excluídos dos *Big Brothers* de outros países. Ao final da entrevista, ele afirma: “Não tenho prova, não sou juiz, não posso dizer que o cara estuprou ou abusou. Foi uma decisão muito difícil” (F5, 2012b). O produtor expulsou Daniel, mas poderia não tê-lo feito. Os motivos do afastamento foram embasados nas opiniões da produção do programa e da emissora, já que os depoimentos dos envolvidos no caso não configuraram o estupro. Por isso, a mudança terminológica de referência ao tema. A produção passou a discutir o evento como um abuso sexual, não como um estupro.

Neste episódio, a relação entre discursos fica bastante evidente. Sem a emergência do discurso dos espectadores, o contexto social seria outro. A transformação dos posicionamentos dos sujeitos envolvidos ilustra o princípio dialógico de Mikhail Bakhtin (1981), em que “o discurso reencontra o discurso do outro em todos os caminhos que levam a seu objeto, e um não pode não entrar em relação viva e intensa com o outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 33). A convocação proposta pela sociedade interferiu diretamente na lógica interna do programa ao configurar sentidos que a produção do *reality show* não percebeu. Dessa forma, os discursos do *Big Brother Brasil* que, de certa forma, são percebidos como soberanos, se viram porosos, passíveis de afetação. Afinal, em um contexto praxiológico, um discurso somente existe em relação a outro.

3. AS POSSIBILIDADES DO *TWITTER*

A argumentação das opiniões sobre o acontecimento do *reality show* apenas se tornou possível por envolver o dispositivo midiático do *Twitter*. Opiniões e argumentos concorrentes ganharam um meio de expressão e acabaram constituindo um espaço de certa deliberatividade. A noção de deliberação, por sua vez, pode ser explicada como “uma ação partilhada, que surge no diálogo intersubjetivo em que um ator social leva em consideração proferimentos apresentados pelo outro e re-articula suas posições originais” (MENDONÇA, 2006, p. 16).

A dicotomia das convicções dos espectadores ficou evidente: parte deles apoiava a decisão de expulsar Daniel, enquanto os demais defendiam a permanência do modelo. A atitude do programa foi o desdobramento capaz de dar suporte para a produção de significações e possibilidades contrárias aos discursos que culminaram na eliminação do participante.

Deste modo, foram analisados *tweets* publicados no domingo, 15/01/2012, dia anterior à expulsão, com a *hashtag* #Danielexpulso para demonstrar de que forma as opiniões e os argumentos expressos no microblog se constituíram como ferramentas de articulação dos públicos e de publicização do suposto estupro. Da mesma forma, foram escolhidos *tweets* publicados na segunda, 16/01/2012, dia da expulsão, com a *hashtag* #voltaDaniel para analisar de que forma os argumentos contrários a expulsão foram se desenrolando como respostas das acusações propostas por aqueles que acreditavam na noção de que Daniel havia estuprado Monique.

Estes períodos foram escolhidos por se tratarem do momento compreendido entre o suposto estupro e a expulsão do participante. Dessa forma, a análise dos *tweets* foi dividida entre os dois dias sequenciais devido à quantidade de publicações com as determinadas *hashtags* em cada data e porque #voltaDaniel apenas surgiu em resposta à #Danielexpulso. A escolha dos *tweets* foi baseada em dois critérios: cronologia e relevância. Foram selecionadas publicações que traziam discussões diferentes e que foram postadas anteriormente às demais. Alguns *tweets* foram considerados mais relevantes pela quantidade de respostas geradas, isto é, publicações com grande número de *replies* e *retweets* em comparação às outras.

Segundo o site Topsy³, foram publicados 9803⁴ *tweets* utilizando a *hashtag* #Danielexpulso no dia 15/01/2012 (FIG. 1), enquanto, no dia 16/01/2012, foram tuitados 3225 com a *hashtag* #voltaDaniel (FIG. 2).

³ Plataforma especializada em reunir e analisar conteúdos e tendências da web.

SOCIAL SEARCH SOCIAL ANALYTICS COMPANY

TOPSY #Danielexpulso Search Tweets Advanced Search

Search results 1-10 out of 9,803 tweets about #Danielexpulso between 01/14/2012 and 01/16/2012 [Create email Alert](#)

Figura 1: *Tweets* com a *hashtag* #Danielexpulso no dia 15/01/2012.

Fonte: www.topsy.com

SOCIAL SEARCH SOCIAL ANALYTICS COMPANY

TOPSY #voltaDaniel Search Tweets Advanced Search

Search results 1-10 out of 3,225 tweets about #voltaDaniel between 01/15/2012 and 01/17/2012 [Create email Alert](#)

Figura 2: *Tweets* com a *hashtag* #voltaDaniel no dia 16/01/2012.

Fonte: www.topsy.com

O *tweet* da cantora Preta Gil (FIG. 3), citando a atriz Fernanda Paes Leme⁵, indicado pelo Topsy como uma das primeiras publicações no microblog com a *hashtag*, carregava o principal argumento favorável à expulsão de Daniel, de que o modelo havia tido relações sexuais com a estudante enquanto ela permanecia desacordada na cama. O fato de esta opinião ter sido expressa por uma celebridade garantiu uma maior repercussão, tendo em vista a quantidade de seguidores que a cantora baiana possui em seu perfil do *Twitter*. Prova disto é o número de *retweets* (1644) que a sua publicação rendeu para a conversação coletiva sobre o evento.



Figura 3: *Tweet* da cantora Preta Gil.

Fonte: <http://twitter.com/pretagil/status/158463177644969984>

⁴ Embora o Topsy reúna grande quantidade de *tweets*, nem todas as informações conseguem ser recuperadas. Por isso, estes valores foram explicitados para uma análise comparativa e não absoluta.

⁵ O *tweet* da atriz não foi recuperado. É possível que ela tenha apagado a publicação por ser profissional da Rede Globo.

Da mesma forma que surgiram *tweets* concordando com o argumento de Preta Gil, outros usuários utilizavam a *hashtag* para se incluir na discussão mesmo que suas opiniões não demonstrassem ser a favor ou contra à expulsão de Daniel. Exemplo disto foi a publicação de Marcelo Arantes (FIG. 4), psiquiatra e ex-participante do *BBB*, que tentava explicitar que não era possível afirmar o que houve baseando-se somente no vídeo.



Figura 4: *Tweet* de Marcelo Arantes

Fonte: http://twitter.com/dr_marcelo/status/158482376568225792

Esta tentativa de apaziguar a movimentação dos públicos não foi suficiente para cessar as acusações feitas a Daniel. O *tweet* do perfil Jogo de Afinidade (FIG. 5) não somente critica a postura do modelo, como expande sua insatisfação para a produção do *reality show*, colocando em evidência que a responsabilidade das atitudes dos participantes do *BBB* é da emissora que produz o programa. Esta idéia pode ser observada também na publicação da usuária Joseane Silva (FIG. 6) que, direcionando seu questionamento ao produtor do programa, problematiza o fato de a Rede Globo ter retirado do ar os vídeos do suposto estupro a partir do momento que os espectadores iniciaram a movimentação no *Twitter*.



Figura 5: *Tweet* de Jogo de Afinidade

Fonte: <http://twitter.com/jogodeafinidade/status/158494810704060416>



Figura 6: *Tweet* de Joseane Silva

Fonte: <http://twitter.com/joseanee/status/158551578226343936>

Neste cenário, o *Twitter* serviu de espaço para que espectadores se posicionassem a favor de Daniel por meio da *hashtag* #voltaDaniel. É o caso de Alana Carvalho (FIG. 7) que baseou sua opinião no que a participante Monique havia revelado durante as investigações sobre o caso, defendendo seu argumento por se tratar do mesmo posicionamento dos envolvidos. Rica Perrone (FIG. 8), por sua vez, justifica que o ato foi consensual baseando-se nas atitudes dos participantes no dia posterior ao suposto abuso. O tom irônico presente em seu *tweet* explicita o posicionamento do sujeito em relação à conversação sobre o assunto.



Figura 7: *Tweet* de Alana Carvalho

Fonte: <http://twitter.com/lanoca/status/159036220104638464>



Figura 8: *Tweet* de Rica Perrone

Fonte: <http://twitter.com/ricaperrone/status/158538177940959232>

Neste cenário, a concorrência de pontos de vista produz espaços para que argumentos modifiquem “os contextos nos quais sentidos são produzidos, abrindo espaço para novas

possibilidades de interpretação e ação” (MENDONÇA, 2006, p. 17), ou seja, os âmbitos discursivos são constantemente redefinidos conforme a discussão das opiniões é fomentada. Na situação do *BBB*, houve a configuração de um outro discurso contrário à expulsão de Daniel. Como o participante é negro, alguns espectadores, utilizando ambas as *hashtags*, apontaram que esse teria sido o motivo para o seu desligamento do programa.

Exemplos disto foram os *tweets* da Irmã Grace Kelly (FIG. 9) e do perfil Apenas um Poema (FIG. 10), fazendo referência ao participante e Mister Brasil Mundo 2010 Jonas Sulzbach, que era considerado o homem mais bonito da edição, para apontar que Daniel só seria expulso por não possuir o padrão de beleza dominante e que nada tinha a ver com o suposto abuso sexual.



Figura 9: *Tweet* de Irmã Grace Kelly

Fonte: <http://twitter.com/irmagrakelly/status/159044551129055234>



Figura 10: *Tweet* de Apenas um Poema

Fonte: <http://twitter.com/apenasumpoema/status/158584591446315008>

Ainda na questão do racismo, o usuário McEspeto (FIG. 11) trouxe uma opinião distinta para este espaço de conversação. Para ele, a diferença de tratamento entre brancos e negros seria explícita até na forma de fazer referência ao participante, caso fosse caucasiano. Daniel não mais seria um bandido; ele passaria a ser um exemplo a ser seguido. A expressão “fodão” caracteriza a hegemonia do pensamento machista no contexto do abuso sexual, visto que, neste ponto de vista, Monique se torna apenas parte da construção de um personagem para Daniel.



Figura 11: *Tweet* de McEspeto
 Fonte: <http://twitter.com/mcespeto/status/158560634877919232>

Esta noção é compartilhada pelo usuário Carente (FIG. 12), que, por meio do seu *tweet*, justifica a atitude do modelo como sendo “natural do homem”. Para esta corrente de argumentos, Monique estar desacordada não é tão relevante quanto o fato de Daniel ter se aproveitado da situação, com ou sem a permissão da estudante.



Figura 12: *Tweet* de Carente
 Fonte: <http://twitter.com/carentemesmo/status/159052563285676032>

A constituição deste espaço de discursos sobre o suposto estupro do *Big Brother Brasil* 12 ilustra como a conversação entre atores sociais situados fora da produção do programa podem atribuir a um assunto cotidiano uma dimensão que extrapola as possibilidades que o *reality show* disponibiliza, isto é, a configuração do debate em questão foi capaz de “trazer para a atenção pública não uma decisão produzida de modo coordenado, mas sim uma que emerge de processos altamente informais, inconsistentes e agregativos” (MANSBRIDGE, 2009, p. 213). A partir do momento que estas expressões discursivas são publicizadas, ganhando visibilidade, existe um esforço por parte dos espectadores de se engajar na defesa de suas argumentações, de modo que haja a construção de uma identidade coletiva, na qual “sujeitos canalizam esforços e recursos no intuito de expressar seus pontos de vista” (MENDONÇA, 2006, p. 21).

Neste acontecimento, se não houvesse a emergência dos discursos dos espectadores, o contexto social seria outro. Segundo Mendonça, os sujeitos “dos meios de comunicação reconstituem, no ato de interpretação, debates que não estavam postos de antemão” (MENDONÇA, 2006, p. 27). Esta idéia fica explícita no *tweet* do blogueiro Rodrigo Fernandes (FIG. 13) que, embora ridicularize a movimentação dos públicos para um determinado fim, pontua a participação dos espectadores como uma ferramenta de discussão capaz de repercutir na produção do programa.



Figura 13: *Tweet* de Rodrigo Fernandes

Fonte: <http://twitter.com/jbanguela/status/158649279756500993>

A afirmação ilustra uma característica determinante para o acontecimento: se os públicos não tivessem se movimentado, dificilmente esta discussão tomaria as proporções alcançadas. A inquietação dos espectadores foi o elemento capaz de iniciar a formação de públicos. Nesse cenário, o conceito de público pode ser explicado, a partir de Willems⁶, como um “agrupamento amorfo, elementar e espontâneo, cujos membros se empenham em interação antagonica, a fim de chegar, pela discussão de um problema de interesse comum, à unidade e decisão”, ou seja, a circulação reflexiva de discursos, ainda que controversos, reforça a constituição deste agrupamento em um espaço coletivo de visibilidade.

O conflito de interesses se manifesta publicamente, ou seja, num debate visível entre diferentes razões apresentadas pelas pessoas ou grupos. A visibilidade é, portanto, um recurso essencial para que os sujeitos participem deste debate, proponham temas e posicionem seus interesses quanto aos temas debatidos (HENRIQUES, 2010, p.3).

O ambiente de visibilidade no caso do suposto estupro não foi apenas a televisão em si, mas o espaço de deliberação disponibilizado pelo *Twitter*. A produção de discursos, a concorrência entre eles em uma esfera visível de debate e a movimentação de públicos

⁶ WILLEMS, Emílio. *Dicionário de sociologia*. Porto Alegre: Globo, 1961, p. 281.

resultante destas argumentações se tornaram possíveis por causa das possibilidades oferecidas pelo microblog. Segundo D'andréa, “ao contrário do caráter programado e controlado em que se desenvolvem os eventos moldados pela transmissão de TV, a lógica desse site baseado em uma rede social é essencialmente emergente” (2011, p. 50), isto é, as discussões não estão dispostas de antemão, mas acabam se articulando a partir das interações estabelecidas entre os internautas.

Por causa da especificidade do microblog, o percurso de problematização da causa foi invertido. Em vez de se tornar coletiva após o compartilhamento entre sujeitos de mesmo interesse, ela foi publicizada no meio digital como forma de divulgação de opiniões individuais. Daí, os internautas com pensamentos similares iniciaram o seu agrupamento por meio da *hashtag* #Danielexpulso, isto é, em vez de se coletivizarem de forma organizada para tornar o objetivo público, a coletivização foi decorrente da visibilidade das opiniões pessoais de cada sujeito.

Neste cenário, o surgimento de pontos de vista contrários, como a *hashtag* #voltaDaniel, ilustra a concorrência de opiniões em controvérsia que acabam se tornando argumentos, ao passo que necessitam explicações interessadas e endereçadas. As possibilidades do *Twitter* são disponibilizadas por se tratar de

Um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e respondidas; uma zona livre (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 66).

A movimentação dos públicos se torna possível pela oportunidade dos sujeitos se manifestarem para o mundo de forma ampliada. Este objetivo pode ser alcançado por meio de estratégias que utilizam *hashtags*, que orientam e potencializam as interações entre usuários (D'ANDRÉA, 2011, p. 50), e pela presença do termo nos *Trending Topics*⁷ do *Twitter*. Dessa forma, a publicização de uma dada causa se torna capaz de agendar sua presença no espaço público de discussão, visto que a relação entre os SRS e as mídias tradicionais tem sido uma prática cada vez mais recorrente. Para Zago e Batista, estas ações são transgressões que carregam “um caráter de solidariedade com vistas a um objetivo coletivo: a convergência de esforços para dar visibilidade, normalmente, a uma insatisfação pública” (ZAGO & BATISTA, 2011, p. 251). No caso do suposto estupro do *BBB*, para ambos os lados. Tanto a

⁷ Lista gerada automaticamente que identifica os assuntos mais falados em relação ao passado, ou seja, trata-se de uma lista baseada nas tendências discutidas mais agora que anteriormente.

hashtag de apoio à ideia de que houve um abuso, quanto a que tentava proteger Daniel foram constituídas como instrumentos para pautar esta questão no espaço público. Neste contexto, a indissociabilidade entre estas polarizações mostra que os engajamentos sociais estão “filtrados pela ambiguidade das ações humanas: na inseparabilidade das relações de cooperação/conflito” (ZAGO & BATISTA, 2009, p.4).

Outro elemento determinante para o estudo das ações coletivas no ciberespaço é compreender de que forma os participantes fazem parte de um processo de influência mútua, isto é, entender como “os que são influenciados a participar por alguns podem vir a influenciar outros, e, assim por diante, destacando, dessa forma, o papel da estrutura de rede na implementação da ação coletiva” (ZAGO & BATISTA, 2009, p. 8). Esta noção demonstra a importância dos processos de agrupamento e de coletivização no engajamento dos públicos em favor de uma determinada causa. “Comunidade de idéias, preocupações impessoais, estabilidade da estrutura que supera particularidades dos indivíduos, eis aí algumas características essenciais do grupo que se fundamenta, antes de tudo, no sentimento partilhado” (MAFFESOLI, 2010, p. 138). Embora Maffesoli faça referência a uma organização social relativa a uma socialidade, a um estar-junto “à toa”, ele explicita que um agrupamento social se trata de um laço de reciprocidade no qual “o entrecruzamento das ações, das situações e dos afetos formam um todo [...] partindo dos minúsculos fatos que são os fatos da vida cotidiana. Esse processo faz, portanto, da vida comum uma forma pura, um valor em si” (MAFFESOLI, 2010, p. 140).

A construção de grupos sociais parte do compartilhamento das experiências individuais transformadas em um objeto coletivo e depende da capacidade de torná-lo algo de interesse público. Trata-se da habilidade de “conectar a escala individual com a escala coletiva da comunicação, acionando [...] a mobilização das audiências” (FECHINE, 2009, p. 163). A dimensão performática necessária para o engajamento de novos sujeitos em favor de uma determinada causa é utilizada para propor que um assunto de interesse público é tudo aquilo que os indivíduos dizem que é, ou seja, tópicos de interesse do público ganham a potencialidade de tornar-se de interesse público ao passo que agregam mais interessados. E, nos SRS, estas estratégias são baseadas nos contatos mútuos estabelecidos entre os usuários.

A interação social é um fator importante para formar a identidade e para a agregação de capital social a um determinado grupo, bem como a caracterização de ambientes online aos quais estes grupos interagem. Assim, compartilhando as ideias de Hall⁸, pode-se dizer que a identidade dos

⁸ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

sujeitos também é construída a partir da pertença a grupos sociais que vão ser consolidados por meio destas interações sociais que caracterizam uma cultura particular de uma determinada localidade onde se dão tais interações (REBS & ZAGO, 2011, p.6).

A possibilidade de produção espalhada de conteúdo carrega consigo uma noção de poder, em que o indivíduo possui instrumentos necessários para atingir objetivos sejam quais forem, isto é, a partir do momento em que o internauta possui acesso a estas ferramentas de compartilhamento, ele se torna um produtor em potencial. Dessa forma, elementos pertencentes à dinâmica social do indivíduo são capazes de afetar outros sujeitos de outras realidades. A possibilidade pessoal de problematização de sua própria dimensão microscópica ganha espaço para propor debates no espaço público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas de programas no formato de *reality show* como o *Big Brother Brasil* dependem da participação popular em sua lógica. Para garantir o envolvimento dos espectadores com o desenrolar do jogo, oferecer espaços de inserção destes sujeitos na configuração do programa se torna uma estratégia para convocar audiências. Segundo Jenkins, “um dos efeitos da crescente participação do público é oferecer [...] diferentes modos de envolvimento com o conteúdo” (JENKINS, 2009, p. 121), já que estes indivíduos querem fazer parte daquilo que os interessa. Nesse contexto, o *Twitter* se constitui como um espaço não oficial de ampliação das conversações cotidianas dos espectadores ao possibilitar novas formas de interação tanto entre público e programa, quanto entre sujeitos externos à produção do *reality show*.

Geralmente, “a emergência de manifestações auto-organizadas não culmina em ações para além da mobilização momentânea da rede, o que não significa que sua amplitude esteja restrita a ela” (D’ANDRÉA, 2011, p. 57). No caso do suposto estupro do *BBB 12*, a movimentação de públicos foi capaz de extrapolar o *Twitter*, ao produzir efeitos externos ao ambiente virtual. A expulsão de Daniel foi resultado de articulações entre espectadores que atribuíram significações ao acontecimento que, a princípio, não foram percebidas.

O debate realizado por meio das possibilidades do *Twitter* foi capaz de dar visibilidade a uma questão que só passou a fazer sentido no momento de sua emergência, isto é, a profusão de argumentos atrelados às *hashtags* #Danielexpulso e #voltaDaniel constituiu um espaço de deliberação ao permitir que os espectadores expusessem suas opiniões.

A conduta eticamente dúbia mostrada no ar muitas vezes incentiva uma discussão pública sobre ética e moral que reitera valores e suposições muito mais conservadoras. Em uma sociedade multicultural, conversar sobre diferenças de valores torna-se um mecanismo pelo qual diferentes grupos sociais podem aprender mais sobre como cada um percebe o mundo (JENKINS, 2009, p. 124).

Neste contexto, a participação popular e as possibilidades do *Twitter* foram determinantes para tornar pública a discussão acerca das questões levantadas a partir do suposto estupro na 12ª edição do *Big Brother Brasil*. Por mais que *reality shows* reservem espaços para a inserção do público na lógica do programa e por mais que a conversação da sociedade sobre ele seja encorajada pela produção, este acontecimento foi capaz de inaugurar uma nova relação entre o *BBB* e seus espectadores. O debate originado em um ambiente não controlado pelo programa repercutiu diretamente no produto mais importante desta dinâmica: o próprio *Big Brother Brasil*.

REFERENCIAL TEÓRICO

CASTRO, Cosette. **Por que os *reality shows* conquistam audiências?** São Paulo: Paulus, 2006.

D'ANDRÉA, Carlos. **TV + *Twitter*: reflexões sobre uma convergência emergente.** In: SOSTER, Demétrio; LIMA JR., Walter (orgs). *Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

DUARTE, Elizabeth B. **Televisão: ensaios metodológicos.** São Paulo: Sulina, 2004.

F5, 2012a. **Pedro Bial faz “mea culpa” de episódio de suposto estupro no “BBB12”.** Publicado em 17/01/2012 às 22h19. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/1035851-pedro-bial-faz-mea-culpa-de-episodio-de-suposto-estupro-no-bbb12.shtml>. Acesso em 01/12/2012, às 10h.

F5, 2012b. **Boninho admite que Daniel passou dos limites no “BBB12”.** Publicado em 17/01/2012 às 11h11. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/1035414-boninho-admite-que-daniel-passou-dos-limites-no-bbb12.shtml>. Acesso em 01/12/2012, às 10h.

FECHINE, Yvana. **A programação da TV no cenário de digitalização dos meios: configurações que emergem dos *reality shows*.** In: FREIRE FILHO, João (org). *A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 139-170.

FRANÇA, Vera R. V. L. **Quéré: dos modelos da comunicação.** *Revista Fronteiras*, São Leopoldo: UNISINOS, v. V, n. 2, dez. 2003, pp. 37 - 51.

- HENRIQUES, Márcio S. **A coletivização da causa da segurança pública.** In: Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O primado do Interdiscurso.** In: MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MANSBRIDGE, Jane. **A conversação cotidiana no sistema político.** In: MARQUES, Ângela (org). *A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- MENDONÇA, Ricardo. **A mídia e a transformação da realidade.** Comunicação & Política, v. 24, 2006, p. 9-38.
- REBS, Rebeca; ZAGO, Gabriela. **As potenciais formas de interações em ambientes virtuais.** Observatorio (OBS*), v. 5, 2011.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ZAGO, Gabriela; BATISTA, Jandré. **Ativismo em redes sociais digitais: formas de participação em ações coletivas no ciberespaço – Verso e Reverso (Unisinos), n. 52, 2009.**
- ZAGO, Gabriela; BATISTA, Jandré. **Ativismo e agendamento nos *Trending Topics* do Twitter: o caso Wikileaks.** Contemporânea (UFBA), v. 9, n. 2, 2011, pp. 246 - 269.